

À beira do abismo

TEORIA DOS JOGOS AJUDA A ENTENDER A ARRISCADA DISPUTA ENTRE PFL E PSDB

*Rogério L. Furquim Werneck**

Em meio à nova e ruidosa crise política, que volta a ampliar incertezas na área econômica, o conceito de *brinkmanship* pode ajudar a entrever o fio condutor capaz de dar algum sentido ao conflito. Tradução concisa é difícil. A palavra significa a arte ou a prática de se levar uma situação perigosa ou confrontação além do limite do que pode ser considerado seguro, para conseguir determinado desfecho. Mas este significado amplo convive com conotação bem mais específica que a palavra tem em Teoria dos Jogos, área que trata de forma sistemática situações em que o comportamento estratégico é importante. Há 40 anos, Thomas Schelling já chamava atenção, no seu *Strategy of Conflict*, para uma prática que diplomatas, estadistas e negociadores conhecem desde tempos imemoriais: a tática de deliberadamente criar um risco perceptível, e não completamente controlável e deixar a situação fugir de certa forma ao controle para intimidar o adversário, na expectativa de que este recue, temendo o pior. Ou seja, temendo que quem o ameaça esteja efetivamente disposto a ir às últimas conseqüências, ultrapassando, se necessário, a borda fatal e arrastando-o consigo na queda.

Para que a tática funcione, a represália prometida não pode ser percebida como uma certeza absoluta. Afinal, a eficácia da ameaça decorre da percepção de que quem a faz poderá ser obrigado a cumprí-la, mesmo que, no último momento, isto seja contrário aos seus melhores interesses. Para que a ameaça tenha credibilidade, portanto, é necessário que ela envolva, não uma represália certa, mas o desencadeamento de um processo não perfeitamente controlável, que aumente de forma significativa o risco de a represália acabar sendo cumprida. A imagem adequada não é um plano horizontal em cuja extremidade haja uma borda que, se ultrapassada, leve a uma queda inevitável. Mas, sim, uma borda na extremidade de uma rampa muito inclinada e escorregadia. A ameaça crível é a disposição de iniciar a descida da rampa, mesmo tendo em conta que cada movimento em direção à borda envolve o risco de um escorregão fatal para ambas as partes. A postura norte-americana na crise dos mísseis soviéticos em Cuba, em 1962, é um exemplo clássico dessa tática.

Para estupefação geral, o PFL rompeu com o governo. E declarou-se disposto a ir em frente com a campanha de Roseana Sarney. Como saltam aos olhos as dificuldades envolvidas nessa candidatura, não faltou quem concluísse que as proverbiais raposas do PFL haviam perdido o juízo e embarcado numa aventura. Pode até ser, mas a aventura na qual estão de fato embarcando não é exatamente a campanha de Roseana. É um jogo arriscado no qual o outro papel principal está reservado ao PSDB.

No PFL, parece não haver mais dúvida de que há, entre boa parte dos tucanos, intenção inequívoca de ganhar espaço na eleição presidencial, de forma a passar a dar ao PFL papel muito menos importante do que o partido desempenhou na aliança que deu sustentação a FHC. Nas queixas contra o PSDB, os pefelistas desfiaram longa sucessão de ocorrências que julgam ser evidência clara de escalada nesse sentido, desde a articulação que alijou o partido do controle das mesas do Congresso, no início do ano passado, com a escolha de Jader Barbalho e Aécio Neves. Evidências que indicariam a disposição do PSDB de passar a dar ao PMDB o papel proeminente na aliança que, por tantos anos, coube ao PFL. Boa parte do PSDB estaria convencida de que é, nas ilhas desse enorme e heterogêneo arquipélago em que se converteu o PMDB, que ainda se podem encontrar políticos feitos dum barro parecido àquele do qual são feitos os tucanos. Embora saiba que muitos tucanos importantes discordam frontalmente desse realinhamento, o PFL convenceu-se de que a candidatura Serra representa a derrota dessas visões dissidentes. E, portanto, têm grande resistência em apoiá-la. É essa a essência do conflito.

A verdade é que o PFL surpreendeu o País ao cumprir uma ameaça na qual ninguém acreditava. Não só abandonou o governo, oferecendo de volta todos os cargos, como obteve decisão unânime do partido sobre a conveniência do rompimento. Quando conseguiu arrancar de FHC a advertência de que “você estão oferecendo a vitória ao Lula” e quando deixou transparecer que Bornhausen estava enfrentando dificuldades, para controlar os segmentos mais radicais do partido, o PFL mostrou que estava conseguindo conferir credibilidade às suas ameaças. Foi convincente, ainda que momentaneamente, na sua disposição de descer a rampa muito inclinada e escorregadia da imagem clássica da tática de *brinkmanship*.

É difícil que o PSDB se deixe intimidar. Mostra-se disposto a enfrentar o PFL, aceitando sem relutância o movimento de decida da rampa em direção à borda fatal. Não obstante toda a apreensão de que se vê tomado o Planalto, é improvável que, a esta altura, os tucanos se disponham a dar o dito pelo não dito, substituindo Serra por um nome do partido que o PFL possa considerar confiável. Nem mesmo dão sinais de que estão dispostos a discutir as bases de uma adesão “honrosa” do PFL à candidatura Serra. Por ora, pelo menos, tudo indica que o PSDB vá se mostrar irredutível. Dando por perdido o apoio do PFL no primeiro turno, vai tentar manter a campanha de Serra em trajetória de vitória crível, apostando na herança dos votos de Roseana e costurando as alianças partidárias possíveis. A grande questão é se, nessa tentativa, terá o sucesso requerido. Caso não tenha, o quadro de *brinkmanship* está fadado a assumir proporções bem mais dramáticas. E nesse cenário, só resta esperar que, na insensatez do embate, os atores mais responsáveis, de ambos os lados, não deixem de olhar para baixo. Bem para baixo. Para jamais deixarem de ter em conta quão fundo é o abismo.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.